

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Uma cultura de fronteira sob o olhar da fotoetnografia.

Francieli Rebelatto.

Cita:

Francieli Rebelatto (2009). *Uma cultura de fronteira sob o olhar da fotoetnografia*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2288>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Uma cultura de fronteira sob o olhar da fotoetnografia

Autor: **Francieli Rebelatto**¹

Orientação: **Luciana Hartmann**²

Resumo: A realidade das fronteiras entre os países mostram uma situação sociocultural muito complexa, uma conjunção intercultural que pode atrair o interesse de pesquisadores das Ciências Sociais. Ambos os lados da fronteira possuem um contingente populacional não necessariamente homogêneo, mas que se diferenciam pela presença de indivíduos que pertencem, muitas vezes, a etnias diferentes, que conferem a este espaço uma diversificação étnica e cultural muito peculiar. Nesta realidade a "cultura de um lado" agrega valores e condutas da cultura vizinha sem deixar de vivenciar as características particulares do seu país. Sendo assim, com este trabalho almejo, através de uma fotoetnografia, entender e mostrar como se caracteriza uma determinada "cultura de fronteira", suas permeabilidades e estranhamentos, perceptível entre os países Brasil – Uruguai, nas cidades de Sant'Anna do Livramento e Rivera. Entendo que a construção de narrativas por meio de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM. Atua na Linha de Pesquisa Identidades, Memórias e Etnicidade, trabalhando em seu projeto de pesquisa com a cultura de fronteira, fotoetnografia e Antropologia Visual. Graduada em Comunicação Social – habilitação Jornalismo.

² Dr^a em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Realizou doutorado sanduíche na área de antropologia visual na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/França). É professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB) e dos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART) e em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Santa Maria.

fotografias vem contribuir e agregar aos esforços de interpretação de universos sociais cada vez mais densos e complexos. O uso de fotografias como uma forma de narrativa permite selecionar, preservar e interpretar dados, revelando informações culturais a respeito dos grupos estudados.

Palavras chaves: Cultura, fronteira, fotografia.

Todo dia Gabriela Bravo cruza a fronteira: do lado de lá deixa o país de seu pai, onde reside atualmente, do lado de cá adentra no país da mãe, onde trabalha. A jovem é “doble-chapa” - termo usado para quem tem dupla nacionalidade - e se desloca entre o Brasil e o Uruguai, nas cidades de Sant’Anna do Livramento e Rivera, sem nenhuma dificuldade. Carrega na fala um sotaque levemente espanhol; no discurso, enquanto vendedora, os termos bem brasileiros; e no seu modo de vestir uma característica um tanto curiosa. Há um ano a jovem decidiu se converter para o islamismo, religião seguida pelos seus patrões, dono do estabelecimento em que trabalha. Eles são árabes e lhe apresentaram um pouco da sua cultura e religião, o suficiente para que a moça se convertesse, tanto que quando lhe encontrei estava vestindo roupas características desta cultura oriental: véu na cabeça, e o corpo coberto por um longo vestido todo fechado.

Assim como Gabriela, milhares de pessoas que vivem neste espaço fronteiro cruzam todos os dias a fronteira, seja de um lado, ou de outro. Os motivos são os mais variados: o trabalho, a escola que ficam no país vizinho. As compras no mercado que são feitas seguindo a valorização da moeda de um país e outro. A família que ficou do outro lado. E neste vai-e-vem, que para estas pessoas da fronteira é cotidiano e normal, surge um contexto sociocultural muito complexo e diversificado, que me chamou a atenção desde a primeira vez que estive ali.

Percebo que questões sobre fronteiras, fronteiras culturais e cultura fronteira crescem no interesse de pesquisadores, em decorrência do processo de globalização. Não é difícil, estarmos diante de um telejornal, para perceber que esse tema tem sido muito recorrente. Creio que isso se deva primeiro por que as fronteiras sempre tem sido um grande campo para discussões de práticas sociais adversas, como é o caso da fronteira entre o México e EUA onde um muro é construído por este para evitar que cidadãos mexicanos adentrem no seu país. Segundo por que a dinâmica social da fronteira tem configurações próprias e ali naquele espaço social valores e comportamentos de diferentes países se agregam, ou se confrontam, caracterizando assim uma nova dinâmica social que denota peculiaridades a estes locais.

Por isso, penso neste trabalho discutir alguns conceitos de cultura, apreendidos no campo das Ciências Sociais, para assim, entender a própria cultura de uma fronteira, neste caso, trago exemplo do meu trabalho de campo nas cidades de Livramento (BRA) e Rivera (UY).

Uma discussão sobre os conceitos de cultura

Neste primeiro momento me proponho a entender e elencar idéias sobre o que se entender por cultura e como ela pode ser mostrada a partir de um determinado grupo social. Geertz (1989) desenvolve um conceito semiótico sobre a cultura, em que o homem é um animal amarrado a teias de significação que ele mesmo teceu, e construiu no seu meio social. O autor assume que a cultura seria essas teias e sua análise, uma ciência que interpreta e está em busca de significados.

O conceito, defendido por Geertz, mostra que a cultura, enquanto sistema entrelaçados de signos, pode ser interpretada. Ela não é, portanto, “um poder, algo a qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos” (Geertz,1989:24). Mais do que isso, a cultura é um contexto, algo dentro do qual os acontecimentos podem ser descritos de forma inteligível, e com densidade. E assim, nós, enquanto antropólogos, teríamos a nosso dispor um emaranhado de representações que podem e devem ser interpretadas para que se possa entender e mostrar essas diversidades culturais.

Neste sentido, entendo, seguindo a linha de raciocínio proposta por Geertz (1989), que fazer um trabalho etnográfico é realizar uma descrição densa, a partir do enfrentamento de uma multiplicidade de estruturas sociais e conceptuais complexas que existe nas mais diversas realidades. Estas estruturas estão amarradas ou até mesmo sobrepostas e por isso o etnógrafo precisa antes aprender, para depois apresentar o que observa em campo. Pois, segundo Geertz (1989: 20) fazer etnografia é como tentar ler “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas, suspeitas e comentários tendenciosos” e tudo isso está nos exemplos transitórios de determinados comportamentos e construídos pelos atores sociais envolvidos na cultura estudada. No caso, deste trabalho uma cultura de fronteira.

A cultura, ainda, segundo Laplatine (2006) nada mais é do que o social, pela qual se dá a totalidade das relações que os grupos mantêm entre si. Ela é um conjunto de comportamentos, saberes de um grupo humano ou de uma dada sociedade, sendo que essas características de cada grupo são adquiridas através de um processo de aprendizagem, e, posteriormente transmitidos

aos membros deste grupo. A variação da cultura pode ser percebida em cada um dos aspectos de nossa atividade cotidiana.

“Diferenças significativas, decorrentes da cultura à qual pertencemos, podem também ser encontradas nos menores detalhes dos nossos comportamentos mais cotidianos. Assim, nas sociedades árabes, sul-americanas e sul - européias, desviar um olhar é considerado com um sinal de má educação, enquanto nas sociedades asiáticas e norte-européias, olhar fixamente alguém com insistência causa um incômodo que se traduz por uma impressão de ameaça e agressividade” (LAPLATINE, 2006, p.124)

Cada cultura tem, assim, características próprias que as definem, que determinam diferentes segmentos dentro de um universo gigantesco de possibilidades. Certos comportamentos são encorajados, em detrimento de outros que são censurados, e até mesmo proibidos. E é essa configuração cultural que determina cada sociedade, uma questão que está tanto nas especificidades das instituições, quanto no comportamento dos indivíduos³. Como nos diz Laplatine (2006) “toda cultura persegue um objetivo, desconhecido dos indivíduos”, apesar de termos nossas próprias escolhas, a cultura na qual estamos inseridos realiza seleções, que já são nos dada, independente de nossas escolhas.

E isso, não é diferente no caso das regiões de fronteira que tem dentro daquele contexto, a construção de uma “cultura fronteiriça”. Mais do que homens inseridos num mesmo contexto cultural de limite entre dois países, temos cidadãos de países diferentes: com hábitos, língua, economia, política diferentes e que na fronteira acabam agregando valores e comportamentos tanto de um lado, quanto de outro, caracterizando assim, o que chamo como “uma cultura de fronteira”. Estas pessoas fazem suas próprias escolhas particulares quanto às perspectivas culturais, como é o caso de Gabriela que se converteu para o islamismo por escolha própria, mas há certos aspectos desta cultura que já fazem parte deste contexto, mesmo que de uma forma inconsciente para estes indivíduos.

³ E é baseada nesta idéia de interpretar os comportamentos dos indivíduos, mais do que as instituições, que está ancorado a discussão do meu trabalho de campo. Visto que pretendo entender as dinâmicas das pessoas da fronteira se relacionando com a cultura, peculiarmente, fronteiriça, e assim com os homens que transitam neste espaço. Estes comportamentos são mostrados através dos movimentos mais cotidianos, como, as crianças brasileiras que estudam em escolas uruguaias, ou vice-versa.

Ainda, para Laplatine (2006) só podemos considerar como antropológica uma abordagem integrativa que tenha como objetivos levar em consideração as inúmeras dimensões do ser humano em sociedade. Para isso, os antropólogos têm através de um acúmulo dos dados colhidos por meio de observações diretas, bem como do aperfeiçoamento das técnicas de investigação, uma especialização do saber, e do entendimento. Para o autor é importante nesta abordagem antropológica não parcelar o homem, mas, ao contrário, tentar relacionar campos de investigação freqüentemente separados, bem como aspectos culturais que estão relacionados com o mesmo homem, porém são colocados em dimensões diferentes.

Cuche (1999) ao construir uma tessitura de teorias sobre o que se entende por cultura nas Ciências Sociais, nos mostra a visão de Franz Boas e a concepção particularista de cultura. Boas se dedicou em pensar a diferença, que para ele, entre os grupos humanos se dava na ordem do cultural e não racial. Cada cultura representa uma totalidade singular. Assim, se torna importante, não somente descrever os fatos culturais, mas compreender junto a um contexto no qual eles estão interligados. Pois, cada cultura estaria dotada de particularismos que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, da arte. E para Boas, “este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos” (Cuche,1999: 45).

Levando em conta essa discussão teórica sobre a cultura e seus imbricamentos, entendo e concordo com as idéias propostas por estes autores, que mesmo sendo de escolas de discussões teóricas diferente, vêem a cultura dentro de um contexto social, e sendo importante, desta forma, o antropólogo se posicionar como um interpretante desta totalidade cultural⁴.

Marcos e marcas de uma cultura fronteiriça: O caso Sant’Anna do Livramento e Rivera.

Se observarmos uma ampla região como a do MERCOSUL, uma região extensamente cortada por fronteiras entre vários países – Uruguai, Argentina, Paraguai e Brasil - veremos que existe pequenas cidades que se situam exatamente encima dessas linhas de fronteiras. E possuem como elemento divisor de um país, apenas uma rua, ou uma ponte, ou outro espaço de uso em comum. É caso, por exemplo, das cidades de Sant’Anna do Livramento e Rivera (na qual já estive em campo e me detenho em descrever traços culturais, que encontrei por lá). Estas

⁴ Perceber esta “totalidade cultural” pode nos parecer, num primeiro momento como algo utópico, se levamos em conta a complexidade que podemos encontrar em cada contexto. Por isso, que a meu ver, o trabalho de antropólogo é um trabalho muito difícil, que depende de uma sensibilidade e apreensão técnica quanto ao trabalho etnográfico, muito densa. Encorajamo-nos a ir à campo, mas será que estamos, sempre, devidamente preparados para todos os estranhamentos que nos esperam?

idades abrigam como diz Oliveira (2005) “sistemas de interação entre nacionalidades que, em termos estruturais, têm muito a ver com os sistemas interétnicos que os antropólogos estão habituados a submeter ao escrutínio etnográfico”.

Segundo Oliveira (2005) é com a situação vivida na fronteira, pelos atores sociais, através de suas identidades nacionais e/ ou étnicas postas em conjunção, que os estudos sobre etnicidade, identidade e nacionalidade podem ser pensados. Por isso a importância de se fazer uma antropologia “*na*” fronteira, bem mais do que “*da*” fronteira.

De acordo com Mendonça (2005) fronteira é um limite entre dois universos maiores de regras, “uma dicotomia acentuada entre a identidade nós e eles”. Os limites são marcados pelas oposições políticas, étnicas, lingüísticas e culturais. Mas, também não podemos esquecer que fronteira é um espaço de permeabilidade, em que há relações de reciprocidade e estranhamento entre os estados, por isso entre as pessoas que ali transitam. Nesse sentido, o trabalho do antropólogo é se colocar a observar como pessoas, grupos, instituições ligadas ao espaço fronteiro se relacionam e se posicionam neste contexto.

E foi com a intenção de observar a fronteira do Brasil com o Uruguai, nas cidades de Sant’Anna do Livramento e Rivera, que fui a campo pela primeira vez em 2007. Hoje, no entanto, a partir desta experiência, e das apreensões tomadas em campo, percebo a relevância desta pesquisa na área da antropologia e assim, a mais intensa discussão das permeabilidades e características da região de fronteira. Me arisco em dizer, que tem coisas que só acontecem ali, por que se tratar de uma fronteira, como é o caso da jovem Gabriela Bravo que cito no início do texto, e de tantos outros personagens, que neste movimento de vai e vem cotidiano, configuram um contexto culturalmente rico.

Os marcos territoriais que se estendem pelos limites entre as cidades de Sant’Anna do Livramento (BRA) e Rivera (UY), dividem os dois países. Enquanto isso as marcas construídas pelo convívio tão próximo entre os cidadãos de um lado e de outro, aproximam e constroem uma cultura muito própria desta fronteira. Para nós viajantes e que não estamos acostumados com aquela realidade é curioso perceber que ao atravessar uma rua muda o idioma das placas dos estabelecimentos comerciais, as formas de comercialização, que de um lado é permitido⁵ pela legislação vigente, já do outro não o é. Num primeiro momento era estranho para mim,

⁵ Um exemplo disso é a comercialização do cigarro. No lado brasileiro é proibida a venda por vendedores ambulantes, enquanto no Uruguai está prática é comum. Então, se de um lado da Praça Internacional não vemos este comércio, é só atravessar a praça e chegar ao lado Uruguaio para encontrar tal produto.

entender como uma linha, praticamente “imaginária” justificava que de um lado era possível se fazer tal coisa, já do outro não.

No entanto, o mais interessante desta experiência na fronteira, foi perceber que ela permanece aberta e em constante troca em quase todos os momentos⁶. Sendo que, as trocas, estabelecidas no dia-a-dia de fronteira, acontecem das mais diversas situações. É o caso, por exemplo, de Jesus, que há 26 anos vende “*Pancho*” – alimento muito parecido com nosso cachorro-quente brasileiro, mas com a salsicha bem maior – do lado brasileiro na Praça Internacional. Seu Jesus, assim como maioria de seus amigos que sempre estão por ali tomando um mate depois trabalho, é “doble-chapa”, tem dupla-nacionalidade, por ser filho de uruguaios casados com brasileiros. No entanto, ele mora na cidade de Rivera (UY) com os filhos, mas todos os dias cruza a fronteira para vender o *pancho*⁷, já muito bem assimilado pela cultura local dos dois lados.

Assim, como o Pancho é tão bem assimilado pela cultura local, também é comum percebermos que as movimentações nos mercados brasileiros e uruguaios, dependem diretamente do valor comercial das moedas. Quando o dólar está mais valorizado pelo real (moeda brasileira), do que pelo peso (moeda uruguaia), o fluxo para as compras se no sentido do Uruguai, em caso contrário, vemos os mercados brasileiros bem mais movimentados.

Poderia aqui elencar inúmeros exemplos cotidianos destas trocas: é muito grande, por exemplo, a presença de muçulmanos, que são detentores de várias lojas comerciais na fronteira. Assim como é curioso perceber as mulheres de véus na cabeça a passear com uma térmica de mate na mão. Também, é interessante perceber os alunos brasileiros que estudam em escolas uruguaias, onde o uniforme escolar é ainda bem tradicional: as meninas com saias, camisa e gravata desfilam no final da tarde no sentido Uruguai – Brasil. Já no lado brasileiro os uniformes escolares não são obrigatórios.

Não menos curioso é o caso do jornal impresso de Livramento, A Platéia, que tem duas páginas diárias dedicadas às notícias do lado uruguaio. Nestor Chaves, mais conhecido como Chumbo, passa os dias em Rivera atrás da notícia e de noite na redação do jornal A Platéia em

⁶ **Curiosamente num único dia a fronteira foi fechada, em função do jogo de futebol entre a seleção brasileira e a uruguaia. Policiais dos dois lados se posicionaram bem na linha entre os dois países**

⁷ Me lembro que antes de sair de Santa Maria para a fronteira, fiz entrevistas prévias com pessoas que eram de lá, e todos foram unânimes em dizer que eu não poderia voltar sem provar o tal “*Pancho*”. Por isso, viajei com uma curiosidade imensa de saber o que me esperava nos carrinhos mais tradicionais de lanche. Para minha surpresa, o *Pancho* era composto por uma enorme salsicha e mostarda, como não gosto de nenhum dos dois ingredientes, tive que voltar de lá sem provar o *Pancho*. Mas, pretendo na minha próxima ida à campo, desmitificar meu gosto culinário, e então provar desta iguaria, tão marcante na cultura local, dos meus “nativos”.

Livramento escreve suas matérias em espanhol. Este jornal é um dos únicos bilíngües em todo o Brasil.

E estas marcas culturais se estendem entre este espaço fronteiriço diluindo, ao menos no plano do imaginário, os marcos territoriais que mostram que ali existem uma divisão entre dois países de línguas, costumes, história, arte tão diferente. Mas ali, naquela fronteira conseguem ter um diálogo que passa a configurar um novo espaço social, com suas complexidades culturais que me dedico a desvelar neste trabalho ainda em fase inicial no campo da antropologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Andréa; DA CUNHA, Edgar Teodoro. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências Sociais. Bauru, EDUSC: 1999.
- DAMATTA, Roberto. "Prefácio". Relativizando. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto; BAINES, Stephen Grant (Organizadores). Nacionalidade e etnicidade de fronteiras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1989.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LIMA, Ivan. A Fotografia é a sua linguagem. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.